

REMATE DE MALES

17

Revista do Departamento de Teoria Literária

**UNICAMP
Campinas
1997**

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP)
Carlos Augusto Calil (USP)
Eduardo Subirats (Princeton Univ.)
Fábio Lucas (UBE)
Jorge Ruedas de la Serna (Univ. Nac. de México)
José Aderaldo Castello (USP)
Julio Castañon Guimarães (FCRB)
Marta Rossetti Baptista (IEB/USP)
Roberto Schwarz (CEBRAP)
Sergio Miceli (USP)
Tania Franco Carvalhal (UFRGS)

Comissão Editorial

Fábio Rigatto
Maria Eugenia Boaventura
Orna Messer Levin

Catálogo na Fonte – Biblioteca Central/UNICAMP

Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Nº 17 (1997)
Campinas, 1997

Anual

ISSN – 103-183X

1. Publicação Periódica – Literatura

I. Departamento de Teoria Literária – IEL/UNICAMP

REMATE DE MALES

Bernardo Elias

Organizadores do Volume:

Enid Yatsuda Frederico
Flávia Carneiro Leão

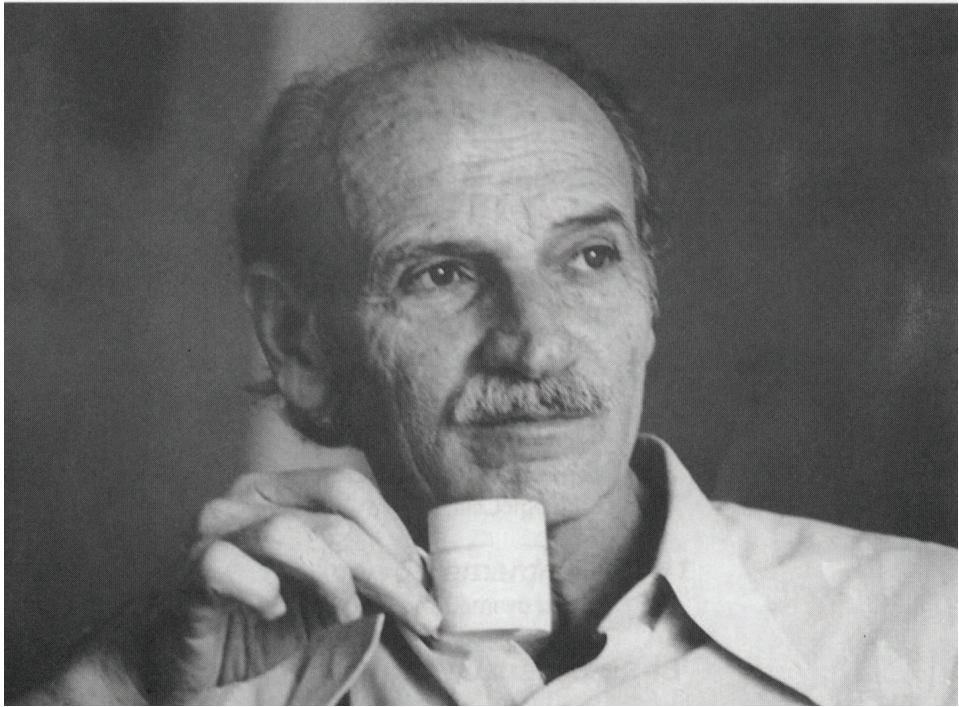
REMATE DE MALES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

O título da revista reproduz os tipos usados no ante-rostro
da edição original da obra deste nome de Mário de Andrade (S.P. 1930)

PEDE-SE PERMUTA / Exchange requested / Se solicita canje /
Wir bitten um Austausch / On demande l'échange / Si chiede lo scambio

Endereço para correspondência
Revista Remate de Males
UNICAMP/IEL
Setor de Publicações
Caixa Postal 6045
13081-970 Campinas, SP, Brasil
e-mail remate@iel.unicamp.br
Tel./Fax: 0055 / 019 / 788 1528



Sumário

A Vida são as Sobras, 15
Bernardo Élis

Bibliografia, 117

Regionalismo Universalista, 123
Tristão de Athayde

Regional Goiano, 125
Nogueira Moutinho

Saga de Espantos, 127
Dirce Cortes Riedel

Dos Ermos aos Caminhos dos Gerais, 135
Gilberto Mendonça Teles

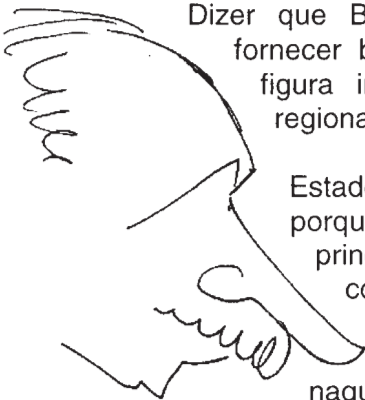
Bernardo Élis, 139
Miguel Jorge

O Acervo Bernardo Élis, 141
Flávia Carneiro Leão

Índice das Ilustrações, 143



Apresentação



Dizer que Bernardo Élis é **escritor goiano** significa fornecer boa parte dos traços característicos dessa figura importante não só da chamada literatura regional, mas brasileira.

Goiano não só porque nascido naquele Estado (Corumbá de Goiás, 15/11/1915), ou porque nele ainda vive (Goiânia) mas principalmente porque, de modo consciente — como convinha a um escritor engajado nas lutas sociais — tomou a si a tarefa de revelar ao Brasil os desmandos praticados naquele "*Goiás, onde não há o que não haja*", segundo as palavras de Monteiro Lobato, numa carta a ele dirigida. Ousadia das maiores, se consideramos o tempo em que se deu tal decisão — década de 40 —, quando a região era tão-somente quintal dos poderosos coronéis, praticantes de toda sorte de abuso sem ter de prestar contas a ninguém. Ousadia também a de arvorar-se a escritor numa terra que até então só nos tinha dado um nome de relevo — Hugo de Carvalho Ramos —, no primeiro decênio deste século. Ousadia de, almejando o reconhecimento público, optar pela permanência em Goiás, quando os centros irradiadores de cultura se encontravam prioritariamente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

É bem verdade que a literatura já nos fizera conhecer as bagaceiras, as casas-grandes e senzalas, as caatingas, os bangüês e os engenhos, através de José Américo de Almeida, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e outros, mas Goiás ainda continuava uma imensidão quase indecifrada.

Embora várias vezes visitado pelos bandeirantes paulistas em busca de índios para preação, esse amplo território deve seu desbravamento e conseqüente colonização à lenda, corrente nos finais do século XVII, da existência da Serra dos Martírios: serra com formato de tosca coroa de espinhos, toda de ouro, perdida naqueles sertões. Procurando-a, Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhangüera, passou mais de três anos em duras privações, "*vindo afinal a ter no sítios dos Ferreiros, no rio Vermelho e no ribeiro das Cabrinhas, quatro léguas da hoje cidade de Goiás, vendo aí o ouro pintar abundante no fundo das bateias*"¹. Mas o povoamento da região fez-se bem mais tarde, principalmente por paulistas em busca de ouro e, quando a atividade mineradora entrou em decadência, muitos foram os que por lá se fixaram, dedicando-se à agricultura e à agropecuária. É assim que Goiás faz parte da grande extensão coberta, na expressão de Antonio Candido, pelo "*lençol da cultura caipira*", cuja sede, se é que podemos assim dizer, se encontrava no planalto paulista.

É desse caldo de cultura caipira que emerge Bernardo Élis.

Ainda que nascido no seio de uma família importante, os Fleury Curado, isso não quer dizer que vivessem na abundância, como podemos perceber nos relatos sobre a infância e adolescência do escritor. Essa escassez de recursos, de resto sofrida pelas mais eminentes famílias de bandeirantes desde o período colonial (como bem demonstra a análise empreendida por Alcântara Machado² dos inventários deixados pelos famosos aventureiros preadores de índios), mostra bem a penúria por que passaram os pioneiros daqueles sertões, obrigando-os a desenvolver uma **cultura de economia**, que se torna um dos traços constituintes da cultura caipira.

Se não havia riqueza, havia, entretanto, a necessidade de preservar um certo *status*, que tantos aborrecimentos causou ao autor, conferido pelo nome de família³. Mas pertencer a essa família tradicional não significava apenas carregar um pesado fardo: deve-se a ela, por outro lado, a abertura para o mundo para além daquele insofrito cotidiano da pequena vila e, mais ainda, o convívio desde tenra idade com a literatura. Seguramente eram raríssimos os que se dedicavam à poesia naqueles sertões, como seu pai, ou que fizessem questão de se vestir bem, como sua mãe.

¹ FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954, p. 369.

² MACHADO, Alcântara. *Vida e Morte do Bandeirante*. São Paulo e Belo Horizonte: Edusp e Itatiaia, 1980.

³ Pesquisas recentes, de certa forma, atestam isso, quando indicam que aquelas grandes e rústicas mesas retangulares, de madeira maciça, parte fundamental do mobiliário das antigas e importantes famílias mineiras (caipiras), eram providas de grandes gavetas para que, se surgissem visitas inesperadas durante as refeições, servissem para ocultar os pratos, de modo que os visitantes não pudessem perceber, pela pouca quantidade ou pela qualidade (era o mesmo angu servido à escravaria) as agruras por que passavam os senhores. Ou seja, as aparências tinham de ser mantidas a todo custo.

O pequeno espaço em que se movimentou o escritor durante a maior parte de sua vida pode ser medido através de suas poucas andanças: de Corumbá de Goiás à cidade de Goiás, onde fez seus primeiros estudos regulares, e depois para a recém-inaugurada capital, Goiânia, onde vive até hoje (com breve estada no Rio de Janeiro). É, pois, naquela região de cultura caipira e **naqueles tempos** que devemos procurar pelos sinais que marcaram Bernardo Élis.

Frisamos a expressão "naqueles tempos", porque seu primeiro livro, *Ermos e Gerais* (contos)⁴, publicado em 1944, traz explícitas as preocupações sociais que dominam o autor, bem de acordo com o clima de agitação que vivíamos desde a década anterior. Preocupações que o levariam a ingressar no Partido Comunista (PCB) antes ainda da publicação de seus contos.

O seu engajamento no Partido Comunista, como, aliás, de boa parte da intelectualidade da época, mostra a sintonia do escritor com as lutas que se travavam a seu tempo: contra a ditadura de Getúlio Vargas, ao lado do Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes. As leituras que empreendeu nesse período - Ilya Ehrenburg (*A Tempestade*), Bóris Plevói (*Um Homem de Verdade*), Nicolai Ostrovsky (*Assim Foi Temperado o Aço*) e outras - faziam parte da Coleção "*Romances do Povo*", dirigida por Jorge Amado e publicada pela editora do Partido, a Editorial Vitória. Tratava-se da política cultural traçada pelo partido para a divulgação do Realismo Socialista, conjunto de normas formuladas sobretudo a partir das idéias de seu teórico principal, A. Zhdanov, e do escritor Máximo Górkí — sob o controle de Stálin —, que definiam como devia ser uma obra verdadeiramente revolucionária. Nesse equívoco da submissão da criação artística à política incorreram muitos intelectuais, inclusive o nosso autor. Mas, mesmo assim, seguramente o seu poder criador foi maior, ao menos o suficiente para ultrapassá-las. Fruto dessa fase é o romance *O Tronco*, no qual, segundo ele mesmo afirma, emprega as três leis da dialética: a tese, a antítese e a síntese. A propósito, há um curioso caso, relatado pelo autor em conversa informal, sobre o seu papel de intelectual militante do Partido Comunista, nessa fase. Na década de 50 houve uma discussão pouco literária dos militantes goianos sobre a obra *Ermos e Gerais* para desfazer a grande dúvida: tratava-se de literatura burguesa ou proletária? O escritor, também presente, fez sua autocrítica dizendo-se pequeno-burguês, aquele que, até com respaldo do nome de família, podia atirar pedras nas janelas e depois sair correndo, numa atitude irresponsável. Um companheiro, entretanto, discordou de suas idéias e o defendeu (contra ele mesmo). Da autocrítica surgiu o ensaio *Ermos e Gerais, um passo atrás na literatura goiana*, citado em sua entrevista.

⁴ Bernardo Élis escreve inicialmente poesias que são publicadas em jornais estudantis. O sucesso de crítica de *Ermos e Gerais*, entretanto, acaba por determinar os rumos da carreira do escritor: prosa regionalista.

Felizmente, porém, a militância nas fileiras do PCB deu-lhe bem mais que as balizas do hoje execrado Realismo Socialista. Deu-lhe, por exemplo, a possibilidade de melhor conhecer as pessoas simples — personagens de sua literatura —, a sua linguagem, e de aguçar o senso de justiça. Sabe-se que o autor, durante alguns anos, no exercício das tarefas partidárias, esteve por diversas vezes no campo em contato com os trabalhadores rurais para ler-lhes os contos que elaborava, buscando sentir-lhes as reações, se entendiam o que escrevera, se gostavam ou não. Desse modo, a construção de suas personagens, a paisagem rural e o contexto social em que se desenrolam as ações, puderam fazer-se assentados em profundo conhecimento, o que não significa tratar-se de "retratos da realidade", nos moldes naturalistas.

Mais do que isso, procura compreender o **processo** de desumanização ("André Louco") e reificação ("A enxada") desenvolvidos pelo capitalismo, mais selvagem ainda naquela região, porque aliava a ganância de poucos à ignorância e atraso extremos de muitos.

Do ponto de vista estético, Bernardo Élis incorpora as conquistas do Modernismo (é tido por vários críticos como introdutor do Modernismo no Centro-oeste), acentuando a oralidade; desprezando os longos períodos, os vocábulos raros; introduzindo o extraordinário, o estranho, o fantástico; pesquisando a cultura popular; e, ao fim, combinando os achados com a visão crítica da realidade social, herança dos anos 30.

Os estudos sobre sua obra têm privilegiado sobremaneira a questão da linguagem (dialeto caipira e oralidade) e os procedimentos estéticos empregados (expressionismo, surrealismo, metáforas ousadas), além, é claro, da explícita temática de denúncia social, demonstrando que, apesar de enxergar a literatura com função política, o autor ultrapassou, através da arte, a pesada marca do tempo que trazem as obras proselitistas.

De qualquer forma, hoje, num balanço crítico do alto de seus mais de 80 anos, a visão que Bernardo Élis tem da militância política para a sua literatura é positiva. Acrescentaríamos, então, ao de **escritor goiano**, um outro traço que lhe dá um contorno mais definido: **comunista**.

É evidente que esta última característica não passou despercebida aos agentes da ditadura militar, principalmente no final da década de 60: foi perseguido, obrigado a deixar o magistério (de onde retirava o sustento) e praticamente impedido de escrever nos jornais, função que exercia regularmente. É assim que vai para o Rio de Janeiro, onde, com a ajuda de amigos — Barbosa Lima Sobrinho, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Herberto Sales, Tristão de Athayde, Hermes Lima e outros — ingressa na Academia Brasileira de Letras, que, segundo sua opinião, ajudou-o muito, oferecendo-lhe a segurança de que não dispunha fora dela, naqueles bárbaros tempos.

O depoimento aqui apresentado traz, a pedido do autor, o título **A VIDA SÃO AS SOBRAS**. Título de sabor um tanto amargo, refletindo talvez o desencanto de uma vida transcorrida em meio a tantas lutas travadas contra a injustiça, que ainda hoje parece inabalável, forte e inextinguível, enquanto o ser humano é tão passageiro...

Trata-se de uma entrevista concedida ao Prof. Ricciardi, da Facoltà di Lingue e Letterature Straniere, Itália, que lhe enviou as perguntas por escrito. Inicialmente, o autor as respondeu de modo tão sintético que não serviram aos propósitos do entrevistador. A segunda tentativa resultou tão longa, que mereceu o sugestão de que fosse publicada, o que fazemos agora.

Sem dúvida, Bernardo Élis viu nas perguntas a oportunidade de passar sua vida a limpo, o que significa, no limite, realçar as cores ou esmaecê-las segundo um determinado ponto de vista. E, podemos afirmar, dada a sua timidez, ele as realça quando se trata de defeitos e as esmaece quando se trata de virtudes. No entanto, ao leitor atento surgirá das páginas do depoimento a figura desse homem que soube retirar de sua fragilidade uma literatura tão vigorosa.

Enid Yatsuda Frederico

Nota: Esta apresentação já estava escrita, quando soubemos a notícia do falecimento de Bernardo Élis, ocorrida em Goiânia, no dia 30 de novembro de 1997.